

ELEMENTOS PARA UMA TEORIA DO MOVIMENTO ESTUDANTIL

Renan Lima

A temática do movimento estudantil não é algo novo, tanto no Brasil quanto em outros países do mundo. Essa temática ganha destaque principalmente após a década de 60 do século XX e, no Brasil, a partir do contexto da ditadura militar (1964 – 1985). No entanto, não basta um tema se destacar e haver várias produções sobre ele para que haja uma produção que expresse uma perspectiva crítica fundamentada ou mesmo o uso de um método que consiga apresentar e analisar o fenômeno como um todo. Porém, não é o caso desta obra, *Sociologia e Teoria do Movimento Estudantil*. Tendo como referência teórica o materialismo histórico-dialético, Diego dos Anjos e Gabriel Teles, realizam uma discussão apontando alguns elementos para uma teoria do movimento estudantil. O nosso objetivo é destacar as principais contribuições apresentadas, bem como apontar elementos que poderiam ser melhorados ou mesmo ampliados. Nosso trajeto analítico consistiu em analisar e de apontar as características específicas de cada capítulo e, por fim, fazemos uma análise geral.

No primeiro capítulo da obra, *As Abordagens Sociológicas do Movimento Estudantil*, os autores apontam para uma revisão das principais abordagens, dentro do campo sociológico, do que vem a ser o movimento estudantil. É demonstrado uma percepção de que a maioria das produções sobre este fenômeno se dá a partir do emblemático Maio de 68. Ou seja, a maioria das produções se baseia nesse contexto para explicar a realidade atual e as produções no Brasil remetem às lutas estudantis dos anos de 1960 e isso se revela problemático e limitado. Assim, nesse capítulo, os autores apresentam as abordagens de Foracchi, Sánchez, Bringel, Mesquista, Sebastian de Sierra e Ianni, sobre o movimento estudantil

Esses elementos contribuem para pensar e problematizar a definição de movimentos sociais. Porém, é importante ressaltar que é uma apresentação das diversas

abordagens sobre esse conceito, pois uma análise profunda já foi realizada por outros autores, tal como acontece quando apontam outras abordagens de movimentos dos movimentos sociais, tal como a Abordagem Culturalista (Alonso, Gohn, Teoria dos Novos Movimentos Sociais), Abordagem Neoinstitucionalista (Tarrow e Charles Tilly, Teoria do Processo Político) e Abordagem Institucionalista (McCarthy e Zald, Teoria da Mobilização de Recursos). Segundo os autores, esse capítulo é uma breve apresentação, de forma sintética, que aponta os elementos mais relevantes das principais abordagens dos movimentos sociais.

Já o segundo capítulo, *A Teoria dos Movimento Sociais*, se trata de uma discussão a partir de Nildo Viana (2016). O êxito desta parte é apontar as principais contribuições desse autor para definir o conceito de movimentos sociais. Assim, destacamos que essa é uma das partes principais do livro. Pois é onde está delimitado a sua perspectiva sobre os movimentos sociais, as categorias de análise e o recurso heurístico utilizado. Diferente das diversas abordagens que existem, como apontado no primeiro capítulo, a concepção Marxista de movimentos sociais “lança a possibilidade de aprofundamento de vários de seus elementos e de cada manifestação concreta dos movimentos sociais e suas ramificações” (ANJOS; TELES, 2019, p. 74).

No terceiro capítulo, *A Condição Juvenil: Ressocialização, Escola e Trabalho*, os autores apontam uma discussão sobre a formação da juventude e o processo de ressocialização desenvolvido pela escola. Nesse item os autores retomam elementos do primeiro capítulo, como a divergência de definição entre movimento estudantil e movimento juvenil, que ficará mais evidente no último capítulo.

O mérito dessa parte é em discutir a concepção de juventude, que é uma invenção da sociedade capitalista, e sobre ela é desenvolvido o processo de ressocialização. Segundo os autores, por um lado tem-se a precarização dos serviços públicos e, por outro, a problemática do ingresso no mercado de trabalho. Bem como de que cada jovem estabelece relações específicas, tanto na socialização quanto na ressocialização, conforme a classe social em que ele se destina ou está inserido (p. 98).

Ademais, nessa parte da obra, os autores discutem a formação da juventude e sua relação com a instituição escolar, bem como apresentam elementos que diferenciam ambos: nem todo jovem é estudante, e nem todo estudante é jovem. O que quer dizer que

movimento juvenil não é movimento estudantil, bem como que o movimento estudantil não é composto apenas por jovens.

No quarto capítulo, *Apontamentos Para uma Concepção Marxista da Condição estudantil e de Movimento Estudantil*, é então exposto o cerne da obra. Neste, os autores, com base na teoria dos movimentos sociais de Viana, além de outras obras que complementam a discussão, como Karl Jensen, Karl Marx, Gabriel Teles e Lucas Maia etc., demonstram um domínio não apenas da mesma perspectiva, como também de obras que fundamentam e analisam criticamente os movimentos sociais e, conseqüentemente, o estudantil. Dando um destaque para a parte da condição em que está inserido, que gera a sua insatisfação social, devido às suas necessidades, interesses e demandas que são próprias dos estudantes.

Para tanto, os autores dividem esse capítulo em duas partes: a primeira, *A Condição Estudantil*, aponta o principal antagonista no que diz respeito à insatisfação social. Neste é informado que as categorias de análise dos movimentos sociais, apresentadas por Viana (2016), são fundamentais para a construção de uma teoria do movimento estudantil. A partir disso, é apontada a relação que se estabelecem entre o estudante e instituição escolar, tais como: ressocialização e socialização grupal, subordinação, temporária, alienação, cultura escolar e uniformização (p. 128-30).

Além disso, os autores realizam uma crítica do estudo alienado, o que também gera uma insatisfação e mobilização por parte dos estudantes, tal como: enquadramento, cronograma de leituras pré-estabelecido e impositivo, pouco ou nenhum nível de reflexão, submissão do estudante, estimula o “entesouramento” do saber, quantificação do saber e objetificação (p. 134-5). Em síntese, “em vez de utilizarem como instrumentos de transformação, o estudo e as ideias são adorados, se tornam instrumentos de reprodução e incorporação à sociedade” (p. 137) e isso não tange somente a instituição estatal, acontece na educação de forma geral. Assim, todo o processo de submissão dos estudantes, faz com que eles se organizem e mobilizem, o que fica evidente na segunda parte do capítulo.

Em *A Formação do Movimento Estudantil*, os autores apontam para como que é o processo de desenvolvimento do movimento estudantil: inicialmente é preciso compreender que a base desse movimento é o grupo dos estudantes e que esse grupo é

situacional, não é uma condição eterna. Além também dos subgrupos, como mulher, negros etc. Outra questão está em relação a heterogeneidade, que ele é composto por estudantes de diversas classes sociais.

Desse modo, os autores pontuam que conforme se desenvolve uma insatisfação dos estudantes, se inicia um processo de mobilização, reivindicação, demandas, necessidades, interesses etc. Bem como derivações, como organizações (burocráticas/formais/etc.), ideologia, tendências e hegemonia (burguesa/proletária). Além de manifestações que podem ser conservadoras, reformistas ou mesmo revolucionárias.

Por fim, o quinto e último capítulo, *Movimento Estudantil e Movimento Juvenil: semelhanças e diferenças*. Faz-se a discussão sobre as principais diferenças que precisam ser estabelecidas para entender que existe um movimento estudantil que não é o mesmo do movimento juvenil. Algo que fazem em uma parte da obra, principalmente nos capítulos 3 e 4.

Por essa razão, de apresentar essas diferenças, faz com que essa parte fique fragilizada e curta, apresentando apenas elementos básicos sobre as diferenças e semelhanças entre o movimento estudantil e movimento juvenil. Dividido em três partes, inicialmente os autores apontam para o conceito de juventude, citando os principais autores que abordam sobre a temática e finalizando com a perspectiva marxista. No segundo momento, apontam para “o movimento estudantil e suas abordagens interpretativas”, concluindo de forma semelhante a capítulos anteriores. E, no último item, apontam para as principais semelhanças e diferenças entre ambos os movimentos. De maneira resumida, é apontado o que define um movimento como juvenil ou estudantil.

Essas são, de forma resumida, os principais aspectos da obra, compreendendo de forma específica as contribuições de cada parte. Resta a nós realizarmos uma análise geral. O primeiro aspecto é a questão da repetição, que uma mesma reflexão é realizada em capítulos diferentes do livro, o que remete a um questionamento da proposta do texto, que é o desenvolvimento de uma teoria do movimento estudantil, que fica evidente no último capítulo, apresentado elementos já mencionados.

O segundo apontamento, é a falta de síntese conclusiva, ou seja, uma consideração da obra e de toda a discussão levantada. O último capítulo da obra deixa uma lacuna de revisitar a proposta geral e específica do livro. Essa crítica está de acordo com o prefácio desta obra, onde Viana aponta a obra como um “esboço” para uma teoria do movimento estudantil, o que levaria a pensar na própria modificação do título do livro. Os autores também apontam isso na apresentação, ao dizer que se trata de uma “tentativa de estudar o movimento estudantil com base em uma teoria marxista dos movimentos sociais” (p. 13).

Assim, a mencionada crítica dos autores que constata um grande volume de produção sobre essa temática sem maior desenvolvimento, nos faz esperar uma análise mais ampla. Esses problemas não constituem algo que atrapalha o êxito da obra, mas, se fossem evitados, provavelmente haveria outras discussões. Talvez por ser o momento inicial de uma caminhada teórica, alguns elementos importantes para a compreensão do movimento estudantil não foram desenvolvidos. Devido ao livro ser composto por uma reunião de artigos já publicados, cria a necessidade de um todo coerente e um eixo norteador, que manteria uma sequência e terminasse com uma conclusão apresentando os resultados gerais da pesquisa.

Contudo, essas questões não excluem o mérito da obra, sendo eles: a organização de um livro com arcabouço teórico sobre o movimento estudantil, utilizando as referências de uma discussão coerente, tanto no aspecto metodológico quanto teórico. Bem como uma diversidade de autores que são fundamentais para o leitor atento em aprofundar sua leitura, tanto para entender as diversas abordagens sobre os movimentos sociais, movimento estudantil e o movimento juvenil, quanto para perceber que existem diversas deturpações que se tornam necessárias de serem compreendidas para não se perder no momento de análise da realidade concreta.

Por fim, podemos perceber o caráter autêntico dos autores que se dedicaram no desenvolvimento de uma base para a discussão da teoria do movimento estudantil. Apresentando referências aos novos pesquisadores, ao mesmo tempo que criam expectativas, de novos textos que realizam uma análise de mobilizações, movimentos e organizações estudantis específicas à luz dessa perspectiva teórica-metodológica.

Referência:

VIANA, Nildo. **Os Movimentos Sociais**. Curitiba: Prismas, 2016.